
HISTÓRIAS DE VIDA E IDENTIDADES ETÁRIAS: RELATIVIZANDO PAPÉIS SOCIAIS

Valdirene Pereira de Sousa¹
Universidade Federal de Campina Grande
vall_id2000@yahoo.com.br

A pretensão de nos debruçarmos sobre as histórias de vida dos sujeitos investigados nessa pesquisa e enveredarmos pelos lugares recônditos de suas memórias afetivas faz parte de uma escolha metodológica com vistas à desconstrução das categorias etárias investidas discursivamente enquanto identidades cristalizadas, com papéis sociais bem definidos. As experiências infantis e juvenis trazidas por meio das memórias afetivas de idosos participantes do Centro de Convivência em Campina Grande nos possibilitam investigar esse cenário cambiante e plural das experiências etárias.

As identidades etárias foram pensadas pelos discursos fundamentados e institucionalizados pela Psicologia do Desenvolvimento, pelo saber jurídico, médico, dentre outros saberes, no contexto moderno, como tendo funções e papéis bem definidos e precisos dentro do *corpus* social e dentro dessa realidade constituída por esses dispositivos de poder. Estas categorizações etárias foram instituídas de forma a marcar quase todas as esferas da vida social, a idade foi pensada como um fator fundamental para a distinção social.

Essa categorização das idades da vida gestada discursivamente na modernidade começa a ser questionada pelos discursos trazidos com a experiência da “pós-modernidade” e das conseqüentes mudanças ocorridas em vários âmbitos da sociedade: no domínio das famílias, no processo produtivo, nas configurações das unidades domésticas (DEBERT, 2004). De acordo com Debert (2004, p.54): “(...) uma das características marcantes das sociedades ocidentais contemporâneas ou da experiência pós-moderna seria a “desinstitucionalização” ou a “descronologização da vida”. Nesse cenário, a produtividade não é mais configurada como a base da economia, suplantada pelo fenômeno do consumismo, e as identidades começam a ser percebidas por lentes multireferenciais que abrigam a ideia de mobilidade e pluralidade, havendo, por

¹ A autora é mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

consequente, deslizamentos de sentidos, a possibilidade da plasticidade do curso da vida.

As identidades são plurais, elas se constroem dentro de uma teia de significações e subjetividades que transpassam o dito. Segundo Bauman (2005a, p. 17) “Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, (...)”. As experiências de infância, de juventude e velhice vivenciadas pelos idosos entrevistados são esboçadas de forma plural através de suas narrativas, elas nos são apresentadas por meio de suas histórias de vida e das representações etárias produzidas por esses sujeitos. Essas representações etárias provocam deslizamentos de sentidos, sutis deslocamentos, dos lugares etários cristalizados pelo aspecto cronológico, e nos possibilitam relativizar os papéis sociais que foram e são atribuídos aos sujeitos infantes, jovens e velhos.

Memórias das sensibilidades infantes

Adentremos imaginariamente o cenário de rememoração constituído durante a realização de uma oficina de memórias no Centro de Convivência. Forma-se um círculo, os idosos ajeitam-se timidamente nas cadeiras, alguns sobressaltos e hesitações se instalam no ambiente, a ânsia de começar a narração das experiências infantes invade os corpos inquietos, uma inquietude refletida nos cochichos e nos silêncios provocados pelo instante que espreeita as histórias reveladoras de sentidos e cores. Um dos participantes pede para começar, inicia-se, portanto, a partilha das representações de infância tecidas pelas narrativas desses sujeitos idosos.

O senhor Inácio² ao começar sua narrativa ressalta que tivera uma infância marcada pelo trabalho na roça, local onde passara toda sua infância e parte de sua adolescência. O trabalho esteve fortemente impregnado no seu modo de vida, na sua rotina diária, começou a trabalhar a partir dos 07 anos de idade e este foi o marco que lhe permitiu conhecer o significado da responsabilidade de ter de trabalhar junto com seu pai para ajudar uma família de 12 irmãos. Ao adentrarmos no universo de experiências de infância do senhor Inácio, encontramos um cenário refeito de

² Todas as entrevistas foram realizadas com os idosos participantes do Centro de Convivência em Campina Grande e os nomes usados ao longo do texto são fictícios.

lembranças marcadas por sentimentos ambivalentes, que transitam entre a dor de uma vida marcada por limitações e a satisfação de ser educado segundo uma moral patriarcal rígida, que de acordo com suas palavras, lhe fez homem. Ao mesmo tempo em que o senhor Inácio se entristece com as memórias das dificuldades da sua vida, um sentimento saudosista lhe toma a face e gestos ao trazer à cena as lembranças das astúcias desveladas em brincadeiras marcadas pela confecção de brinquedos.

(...) vim trabalhar na roça com meu pai logo cedo, comecei a trabalhar com 7 anos, mas de qualquer maneira eu tinha uns brinquedo, eu tinha uns 7 ano de idade e comecei a brincar né, mais aí de vez em quando deixava de brincar pra ir pra roça, mas foi muito bom assim em termo de conhecimento, tinha lá um rio muito grande assim [gesticula o tamanho do rio], tomava banho tudo pelado mesmo, saia aboiando em cima das águas assim e aprendia a nadar logo, os brinquedo nós naquele tempo não podia comprar, mas, nós fazia carrinho, adaptava, num tem essa cuia assim de cabaço né?! Essas cuias de cabaço! Eu fazia umas rodinha e adaptava e pegava um bocado de marmeleiro e fazia um ganchinho assim e fazia um carrinho pra dirigir... e fazia bola também eu gostava muito de jogar futebol, fazia bola de imbira de bananeira costurava e fazia uma bola deste tamanho assim [nesse momento ele gesticula o tamanho da bola para expressar quão grande ela ficava], ficava boa, nós fazia uma agulhazinha e pegava a imbira da bananeira, uma imbira seca! botava pra secar aí fazia, fazia a bola, costurava e ficava cada uma bola boa.

Os fragmentos das memórias de infância trazidos na narrativa do senhor Inácio nos possibilitam refletir acerca dos papéis assumidos pelas crianças no seio familiar e na nossa sociedade, em um contexto que tem como demarcação espacial o interior nordestino, especificamente na zona rural, e como demarcação temporal as primeiras décadas do século XX. Como era configurado o período da infância nesse cenário delineado pelo senhor Inácio e quais as fronteiras que determinavam o fim dessa infância? Julgamos por bem nos deter um pouco mais sobre as configurações e representações dessa demarcação etária tecidas no discurso do sujeito entrevistado.

Albuquerque Júnior (2003) destaca, a partir dos discursos de Freyre, que o campo se constituiu como espaço por excelência da dominação do poder patriarcal, dessa forma de organização familiar em que “Os filhos deviam obediência total às determinações dos pais, sob pena de serem castigados (...)” (p.61). A construção de um lugar de infância dentro dessa moral patriarcal, assinalada por Albuquerque Júnior (2003), é determinada por uma lógica desigual das relações etárias, configuradas sob o

signo da subordinação. A criança estaria presa à determinação dos pais, principalmente à figura paterna detentora do poder de dominação.

A narrativa do senhor Inácio nos possibilita pensar as experiências de infância vivenciadas nesse território rural marcado pela tradicionalização dos costumes, por uma moral patriarcal bastante forte, definidora das relações sociais. A construção de sua narrativa vai moldando uma experiência de infância destoante da concepção de infância enfatizada pelos discursos normativos que pensam a criança como sujeito de direitos, principalmente a partir da proposta de criação de políticas específicas com vistas a nortear o atendimento à infância. A experiência infante deste sujeito entrevistado foi fortemente marcada pelo trabalho, sua fala e gestos são enfáticos quando ele diz que trabalha desde os 07 anos de idade, essa foi a demarcação temporal representada em sua narrativa como o momento de saída do universo infantil e de entrada no mundo das responsabilidades [associado ao universo da adultez] que lhe foi apresentado de forma impositiva pelo pai: trabalhar para ajudar na criação dos 12 irmãos.

Encontramos na fala do senhor Inácio sinalizações de uma vivência de infância carregada de sentidos. Apesar das dificuldades e carências reveladas em sua narrativa, ele enfatiza que a infância foi um período de grande aprendizagem, e como um dos fatores responsáveis pelo aprendizado ele destaca o aspecto lúdico da infância, as brincadeiras desenvolvidas sub-repticiamente, os brinquedos confeccionados nos intervalos do trabalho. Astuciosamente o senhor Inácio, em conjunto com outras crianças, desenvolvia e criava brinquedos e brincadeiras dentro das possibilidades que lhe eram cabíveis, a partir dos instrumentos que a natureza lhe oferecia.

A entrada no universo escolar foi sucumbida pela entrada no universo do trabalho, uma escolha que não cabia às crianças, cabia à figura paterna definir e escolher os caminhos que os filhos deveriam seguir para tornarem-se “homens de vergonha” e “mulheres de bem”. O trabalho era instituído como o melhor caminho para educar os filhos, de acordo com os preceitos morais comungados na época, a instituição escolar evidenciada na contemporaneidade como uma das responsáveis pela proteção dos direitos da criança não existia no universo experiencial do senhor Inácio, que devido às dificuldades de subsistência encontradas no âmbito doméstico, não pôde frequentar a escola.

(...) hoje eu tava numa reunião da igreja, tinha mais gente que aqui, aí levantou uma irmã e disse: ‘é errado uma criança trabalhar’, ela começou a conversar, aí na reunião tinha uma base de 70 pessoa mais ou menos, aí quando ela terminou eu levantei o dedo e disse irmã eu quero a palavra, eu disse: ‘olhe! Muita gente acha que uma criança trabalhar é ruim, mas num sei, eu não estudei porque não tive oportunidade, só fiz o segundo ano primário, mas quando eu tenho oportunidade eu dou até uma palestra, já dei várias palestra com meu segundo ano. Então, é...eu digo a vocês que hoje eu posso dizer que sou um homem dignamente porque Deus me ensinou em primeiro lugar através do meu pai e o conhecimento na palavra de Deus, mas eu digo a você, a criança trabalhar nunca foi ruim nem vai ser ruim, porque ensina a ser gente é trabalhar desde criança, porque eu conheço lá no meu lugar mesmo as criança que trabalharam tudin deu pra homem e hoje os que não tão trabalhando tão dando tudo pra vagabundo, fumando maconha e crack e os que trabalharam, nenhum deu pra ruim porque foi ensinado como homem a trabalhar (...)

Esta valoração positiva do trabalho infantil encontrada na fala do senhor Inácio é comum entre as famílias pobres, que vêm na atividade laboriosa um lugar de aprendizado da disciplina e de valores morais necessários à formação do indivíduo, e não como desvio de função, que é um dos aspectos discutido pelos programas institucionais que apregoam a erradicação do trabalho infantil³.

A associação do trabalho com o mundo da ordem, tornando-o fonte de superioridade moral, leva também à valorização do trabalho dos filhos. Como o do homem e da mulher, o trabalho dos filhos faz parte do compromisso moral entre as pessoas na família. (Sarti, 2003, p. 103-104)

As brincadeiras de infância silenciadas pela rotina do trabalho do senhor Inácio, conforme narrado anteriormente, se transformam em uma prática permitida e constante na infância delineada discursivamente pela senhora Emília. Outro cenário infante é (re)desenhado por ela, embora comungue da mesma demarcação temporal, a demarcação espacial se diferencia, sua infância fora vivenciada integralmente numa cidade capital, a liberdade foi um dos aspectos marcante de sua fala na descrição de sua infância.

“Eu hoje sou feliz porque tenho essa infância dentro de mim.” Essa infância reportada na fala da senhora Emília foi construída pela sua narrativa enquanto uma experiência maravilhosa, viva de sentidos.

³ A título de exemplificação apresentamos o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), um dos principais programas que tem o objetivo de erradicar o trabalho de crianças e adolescentes no país. É desenvolvido e mantido pelo Governo Federal desde 1996 e conta com o co-financiamento dos estados e a execução direta dos municípios.

Se eu fosse falar, essa semana não daria pela minha infância, mas primeiro de tudo eu tive uma infância assim, eu era uma menina alta, bem magrinha, então minha perninha era assim como a da Maria bem fininha [Maria é uma senhora participante do Centro de Convivência], eu era toda magrinha, mas eu fazia tudo que tinha direito, foi uma infância maravilhosa, eu fui criada pelos meus avós, sabe! E eu brinquei, eu brincava na rua, porque naquele tempo a gente tinha a liberdade de brincar na rua, (...), tive uma infância mara-vilhosa né, por isso que eu ainda hoje ainda sou feliz porque eu ainda tenho essa infância dentro de mim, então eu brinco, danço, eu danço a dança cigana. Eu tive uma infância maravilhosa, com tudo que tive direito, sem contar nas brigas né, que eu era tão magra que me botavam o apelido de esqueleto humano, mas só que eu era braba né!(...)

Ao (re)desenhar suas experiências de infância, a senhora Emília constroi a infância sob os signos das brincadeiras e travessuras, da liberdade de brincar permitida por seus pais, diferentemente das infâncias do interior do nordeste, vivenciadas no campo, marcadas pelo labor e pelas ausências de oportunidades. Conforme assinalou Albuquerque Junior (2003, p. 61) ao descrever a crise da sociedade patriarcal e o papel da cidade nas mutações subjetivas, os valores trazidos pela educação urbana eram distintos daqueles apreendidos no campo e, portanto, reveladores de outro modelo de infância.

As mutações subjetivas provocadas que a educação urbana das novas gerações das elites teria provocado levava a uma progressiva dissensão em relação aos valores e costumes predominantes na sociedade agrária e escravocrática, entre eles o da obediência cega aos pais (...)

A pluralidade experiencial das infâncias trazidas pelas memórias afetivas dos sujeitos idosos participantes do Centro de Convivência revela adaptações, (re)apropriações, (re)significações dos papéis sociais instituídos normativamente às categorias etárias, revela um amálgama de sentidos e significações, que possibilitam o transitar pelos lugares infantis instituídos e pelos não-lugares construídos nas/pelas experiências do cotidiano.

Memórias das sensibilidades juvenis

As representações juvenis dos sujeitos idosos são expressas nas conversas individuais, em meio aos intervalos das práticas de socia(bi)lidades, em conversas delineadas por tons informais desencadeadas antes da chegada ao Centro de Convivência e configuram-se em relatos sensíveis, os quais expressam lembranças marcantes, - assim como foram as lembranças infantis -, lembranças que desabafam os (res)sentimentos guardados. Nessa perspectiva, as lembranças são tomadas como um dos lugares possibilitadores da ressignificação das histórias de vida e da construção de uma narrativa preocupada com o questionamento dos lugares sociais atribuídos às categorias etárias.

As memórias juvenis, de acordo com a narrativa de muitos idosos entrevistados, revelam identidades construídas sob o signo da responsabilidade, advindas com a aquisição do casamento, fenômeno que se configura enquanto fator de delimitação da juventude que nasce atrelada à ideia da adultez. Para os sujeitos investigados a demarcação juvenil é intrínseca à categorização da idade adulta, período marcado pela saída da casa paterna e entrada no universo de constituição da própria família, com a instituição do casamento. Nesse universo investigado e configurado por meio das memórias afetivas, o casamento é vivenciado enquanto obrigação social, espaço de realização dos papéis centrais na organização familiar, para as mulheres a continuidade da ausência de liberdade, antes tolhida pelos pais e agora reprimida pela figura do marido, para os homens, a aprovação de seu papel de provedor.

Esta associação entre juventude e casamento se presentifica nas narrativas da maioria dos sujeitos entrevistados, principalmente nas narrativas das mulheres, que ao se reportarem às experiências juvenis vinculam-nas à experiência do casamento. Ao narrar sobre suas experiências juvenis, a senhora Hilda relembra, timidamente, o cenário amoroso vivenciado antes do casamento e se debruça com mais ênfase na sua experiência matrimonial.

Eu me casei com 18 anos, mas antes namorava escondido, me apaixonei com 15 anos quando ele me deu um beijo, eu nem dormia de noite, pensei que tava grávida. (...) fiquei casada durante 20 anos (...) eu pensava que as vizinhas tinham amantes e que meu marido não tinha, me enganei, pois ele tava me traindo com uma morena ralé, uma dona que ele trouxe lá da Bahia, antes disso, minha vida era pra luxar, ele era tão bom pra mim que eu cheguei a abusar dele, ele era também muito ciumento, eu me sentia muito presa. (...) a minha liberdade não tem preço, por isso que eu to sozinha, pois arrumei um véi que tinha 77 anos e eu com 55, ele não deixava eu sair, fechava a porta de

06 horas, o véi não fazia nada, tudo despencava. (...) esperei tanto tempo um amor, uma paixão e nada, agora eu tenho uma paixão, mas é uma paixão proibida, eu adoro música e quando escuto fico pensando se a minha paixão tivesse aqui, mas a minha paixão é proibida. (...) Ah se fosse eu! Quando assisto as novelas eu digo: ah se fosse eu! Eu queria arrumar uma pessoa que me amasse, que eu amasse, vou mandar meu filho botar na internet: mulher de 65 anos procura um amor de 60.

Suas memórias de juventude são delineadas a partir de uma demarcação experiencial, escolhida para representar este lugar juvenil vivido por ela: as relações amorosas. Primeiramente, o namorado escondido que tivera com quem sonhava à noite, depois a experiência matrimonial, que se estendeu por 20 anos. Seu discurso sobre o casamento, tomado enquanto experiência que marcara sua juventude se torna ambivalente, pois, à medida que ela enfatiza a relação conjugal como uma experiência benéfica, por seu marido representar um homem que lhe proporcionava luxo, também a descreve como uma experiência negativa, principalmente pelo sentimento de prisão respaldado no ciúme do marido, figura que também representou a traição.

Ao falar sobre suas experiências amorosas da época da juventude a senhora Hilda não se desvincula das experiências vividas no presente, o seu lugar de fala é delineado por meio de suas práticas cotidianas, do que ela está vivendo no presente. As suas lembranças juvenis enfatizam as ausências afetivas, as possibilidades amorosas que ela não teve e, a partir desse cenário de percepção e de resignificação delineado em sua fala, portanto, ela reescreve a possibilidade de construção de novas sensibilidades amorosas.

Os (res)sentimentos também marcam a configuração desse cenário simbólico de lembranças e nutrem a representação das identidades juvenis. De acordo com Ansart (2004) os sentimentos que melhor definem a palavra ressentimento são os rancores, a raiva, os desejos de vingança, as invejas; estas manifestações de sentimentalidade também se encontram presentes nas narrativas dos sujeitos entrevistados, os quais relembram suas experiências do passado sob o prisma dos (res)sentimentos acumulados no cotidiano das suas experiências de vida.

Esse cenário de experiências e sensibilidades juvenis representado pelas memórias afetivas dos sujeitos idosos é bastante revelador de sentimentos múltiplos, silêncios e (res)significações que ganham visibilidade a partir das narrativas tecidas por esses.

A maioria dos idosos entrevistados delineou em seus discursos uma experiência juvenil marcada por proibições e silenciamentos. Estes idosos dizem encontrar nos espaços oferecidos pelos grupos de terceira idade a possibilidade de ressignificação de suas identidades etárias, que se tornam fluídas em meio às práticas hedonistas proporcionadas pelos novos *scripts* construídos nesses grupos, os quais visam construir novas sensibilidades senescentes. Portanto, os grupos de terceira idade são tomados como espaços incentivadores dos diálogos com as sensibilidades jovens que não foram vivenciadas durante a vida dos sujeitos idosos participantes. É deste modo, na territorialidade festiva propagada pelos espaços de convivência, que os idosos visualizam as possibilidades de reativação de seus desejos infantis e juvenis silenciados durante anos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. **Nordestino: uma invenção do falo**. Uma história do gênero masculino (Nordeste- 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. pp. 15-34.

AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade. In: Simson, O.R.M.Von.(org.) **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 213-222.

BASSIT, Ana Zahira. O curso de vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In: DEBERT, Guita Grin; GOLDSTEIN, D. **Políticas do corpo e o curso da vida**. São Paulo: Mandarim, 2000, p. 217-234.

BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005a.

_____. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BERGSON, Henri. **Matière et Mémoire**. Paris: PUF, 1985.

CERTEAU, Michel de. A operação Historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 65-119.

_____. **A Invenção de Cotidiano: 1-artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**.

Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLLING, Ana. A construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Orgs.). **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13-38.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. **A reinvenção da velhice**. Socialização e processo de representação do envelhecimento. Edusp/Fapesp, São Paulo, 2004

_____. **Envelhecimento e representação social da velhice**. Rio de Janeiro; Ciência hoje, 1988.

FREITAS, L.E. et al. **Tratado de geriatria e Gerontologia** (V.1 e 2) Rio de Janeiro: Guanabara, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre, aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da Monarquia para a República**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

_____. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 7 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1952.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós- modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 57-84.

PORTELLI, A. Forma e significado na História oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História 14**, 1997, p. 7-14.

PÔRTO Jr., Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: Burke, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** SP: UNESP, 1992, p. 163-198.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** 2 Ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.

SEIXAS, Jacy Alves de. Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica. In: SEIXAS, Jacy, BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (Orgs.). **Razão e paixão na política.** Brasília: Ed.UnB, 2002, p.59-77.

SILVA, Keila Queiroz e. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários.** Tese (Doutorado em Sociologia da cultura) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008b.

_____. Os corpos enrugados cuidam, os corpos viçosos gozam? In: Garcia, Loreley (org.). **Revista Ártemis.** João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2007.

SOUSA, Valdirene Pereira de. **A solidão é fera, mas nem sempre devora: História de velhos(as) paraibanos(as) e suas astúcias contra a solidão.** Monografia. Curso de Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007.